



## SEÇÃO LIVRE

# Memória e história das mulheres na ditadura do Brasil: O corpo interminável, de Cláudia Lage

*Memory and history of women during the dictatorship in Brazil: O corpo interminável, de Cláudia Lage*

*Memoria e historia de las mujeres durante la dictadura en Brasil: O corpo interminável, de Cláudia Lage*

**Ilmara Valois B. F. Coutinho<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0002-5286-5618](https://orcid.org/0000-0002-5286-5618)  
[ilmaravalois@hotmail.com](mailto:ilmaravalois@hotmail.com)

**Recebido em:** 11 maio 2025.

**Aprovado em:** 11 ago. 2025.

**Publicado em:** 19 dez. 2025.

**Resumo:** No presente texto, discute-se *O corpo interminável*, romance da literatura brasileira contemporânea que evidencia o papel das mulheres no âmbito da resistência contra a ditadura militar no Brasil, tomando-o como pró-memória representativa de uma das muitas formas de mediação com o passado de opressão e violência. Assim, discutem-se o processo narrativo, as personagens e as relações que vão se delineando na busca por respostas para fatos e informações apenas recuperáveis de forma lacunar, imprecisa, muitas vezes impossível de confirmação. Nesse caminho, busca-se evidenciar como o presente está continuamente sendo solicitado a se responsabilizar, a se posicionar, a exemplo da própria escrita do romance, como narrativa representativa tanto da necessidade de não deixar esquecer quanto da possibilidade de oferecer uma potente metáfora, corpo interminável, para a transferência transgeracional da memória traumática que habita atualmente um campo de embates e disputas no Brasil. Por meio de uma (auto)reflexão metaliterária que une história, realidade e imaginação, evidenciando os corpos femininos, Lage (2019) ressalta o caráter coletivo da herança a ser lembrada e transmitida às novas gerações.

**Palavras-chave:** ditadura; literatura contemporânea; mulheres; pró-memória; resistência.

**Abstract:** This text discusses *O corpo interminável*, a novel in contemporary Brazilian literature that highlights the role of women in the context of resistance against the military dictatorship in Brazil, taking it as a representative pro-memory of one of the many forms of mediation with the past of oppression and violence. It thus discusses the narrative process, the characters and the relationships that emerge in the search for answers to facts and information that can only be retrieved in a lacunar, imprecise way, often impossible to confirm, but also how the present is continually being asked to take responsibility, to take a stand, like the writing of the novel itself, as a narrative representative of both the need not to forget and the possibility of offering a powerful metaphor, an endless body, for the transgenerational transfer of the traumatic memory that currently inhabits a field of clashes and disputes in Brazil. Through a metaliterary (self)reflection that combines history, reality, imagination and highlights women's bodies, Lage (2019) emphasizes the collective nature of the inheritance to be remembered and transmitted to new generations.

**Keywords:** dictatorship; contemporary literature; women; pro-memory; resistance.

**Resumen:** Este texto aborda *O corpo interminável*, novela de la literatura brasileña contemporânea que destaca el papel de las mujeres en el contexto de la resistencia a la dictadura militar en Brasil, tomándola como una pro-memoria representativa de una de las muchas formas de mediación con el pasado de opresión y violencia. Así, discutimos el proceso narrativo, los personajes y las relaciones que se trazan en la búsqueda de respuestas a hechos e informaciones que sólo pueden ser recuperados de forma vaciada, imprecisa, muchas veces



<sup>1</sup> Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia, Brasil.

imposibles de confirmar. De este modo, se busca evidenciar cómo el presente se ve continuamente obligado a asumir su responsabilidad, a posicionarse, al igual que la propia escritura de la novela, como una narrativa que representa tanto la necesidad de no dejar que las cosas sean olvidadas como de la posibilidad de ofrecer una poderosa metáfora, un cuerpo sin fin, para la transferencia transgeneracional de la memoria traumática que habita actualmente un campo de conflictos y disputas en Brasil. A través de una (auto)reflexión metaliteraria que une historia, realidad, imaginación y resalta los cuerpos femeninos, Lage (2019) resalta la naturaleza colectiva del patrimonio que debe ser recordado y transmitido a las nuevas generaciones.

**Palabras clave:** dictadura; literatura contemporánea; mujer; pro-memória; resistencia.

### Considerações iniciais

O romance *O corpo interminável*, da escritora contemporânea brasileira Cláudia Lage, publicado em 2019, situa-se no bojo de uma época em que as memórias referentes ao horror do período da ditadura militar no Brasil pareciam algo em distorção, porquanto pessoas estavam saindo às ruas para pedir a volta do regime autoritário, um completo *nonsense* para muitos, dados os fatos históricos vivenciados no País entre os anos de 1964 e 1985. Tal acontecimento não deixou de gerar perplexidades e questionamentos acerca do que estaria acontecendo com as memórias dos chamados “anos de chumbo”, os anos mais truculentos do período ditatorial, quando cidadãos considerados parte da resistência foram sequestrados, torturados, mortos e (muitos) tiveram seus corpos ocultados em nome de uma ação do Estado contra seus opositores. O livro adentrou, então, uma contemporaneidade cuja memória mostrava esquecimentos inimagináveis e tão precoces<sup>2</sup>, ratificando a necessidade de mediações constantes entre o presente e um passado que não poderia ser silenciado, esquecido ou submetido a conveniências políticas, sob o risco de comprometer o conhecimento de gerações inteiras acerca de seus antepassados e, conseqüentemente, dos

processos de identificação e identidades individuais e coletivas.

Notadamente, a construção do passado (Bourdieu, 1998), não tendo forma fixa, altera-se em consideração às diferentes formas de (re)(des) construção, seja pelo acréscimo ou pela supressão de fatos e informações, seja porque algumas questões somente podem ser processadas sob o devido distanciamento, seja por tantos outros motivos que podem incluir interesses legítimos ou escusos. Quem narra um acontecimento faz uma versão do que ocorreu e, por mais fidedigna que essa seja, deixa rastros das possibilidades que pairam no horizonte de apropriações e silenciamentos. Assim, a qualquer momento, pode-se levantar alguma força discursiva voltada a inverter o curso da história, como estava acontecendo no Brasil em relação à ditadura militar, apesar do conhecimento da população acerca da extrema violência que caracterizou o período, como consta do relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV) (Instituto Vladimir Herzog, 2014). O desejo manifesto dos que bradaram pela volta do regime ficou perceptível com o golpe parlamentar contra o governo de Dilma Rousseff, em 2016, tendo continuidade na campanha bolsonarista, durante o seu governo e depois deste, não somente com a tentativa de tornar heroicas as ações e os envolvidos na ditadura<sup>3</sup>, mas na tentativa de golpear violentamente a democracia<sup>4</sup>, o que, espantosamente, gerou adesão, mas também revolta e resistência.

Situado no veio dessa nova resistência, sem nenhum prejuízo do valor de arte, *O corpo interminável* (Lage, 2019) problematiza as circunstâncias do presente, atuando nos atravessamentos temporais que fazem as linhas de interseção em constante paralaxe na composição de alguma coerência histórica para o presente (Halbwachs, 1990). Na trilha da representação, o romance materializa uma escrita pró-memória<sup>5</sup> voltada a destacar fa-

<sup>2</sup> O golpe civil-militar de 1964, que deu início à ditadura no Brasil, completou 60 anos no dia 31 de março de 2024.

<sup>3</sup> O então presidente defendia a ditadura militar que governou o Brasil de 1964 a 1985, tecia homenagens e argumentava que não houve golpe, mas liberdade. Entretanto, sequer mencionava a corrupção, a censura, as torturas, as mortes e o ocultamento de cadáveres realizados pelo regime.

<sup>4</sup> O levante ditatorial seguiu e culminou em tentativa de golpe contra o Estado Democrático de Direito, alavancando o histórico julgamento e a condenação, em 11 de setembro de 2025, do ex-presidente (Jair Bolsonaro) por cinco crimes voltados a impedir Luiz Inácio Lula da Silva (PT) de assumir o poder após as eleições de 2022.

<sup>5</sup> O conceito de “pró-memória” é aqui tomado como aporte teórico voltado ao “movimento de procurar lidar com as lacunas, os silêncios e as ausências do arquivo e da memória, abrindo espaço para narrativas antes invisibilizadas” (Laranjeiro; Sapeta Dias, 2025, p. 7).

tos a serem compreendidos tanto no universo da ficção, pois um dos protagonistas, Daniel, busca escrever suas descobertas em relação ao que ocorreu com sua mãe, presa política desaparecida durante a ditadura militar, quanto no que tange ao ato mesmo da escrita do romance pela autora, que se coloca no lugar de ficcionalizar dores e sofrimentos reais, trazendo à tona a necessidade de um posicionamento coletivo contra qualquer discurso voltado a amenizar o terror proveniente de regimes autoritários, seja no passado, seja no presente.

Nesse sentido, *O corpo interminável* é aqui considerado manifestação literária em prol de memórias necessárias a um presente desafiado por fatos e acontecimentos traumáticos ou em processo de negação, ao menos para uma parcela da população brasileira ligada à extrema direita e consumidora de uma comunicação elaborada para distribuir *fake news* e preencher o lastro de uma pós-verdade (Dunker, 2017) pretendida acerca da ditadura militar no Brasil. Nesse caminho, o romance apresenta uma simbologia performática tecida a partir da imagem do corpo interminável, que é célula, energia vital, imaginação, escrita e memória materializada nos filhos do violento período. Ao trazer para a ficção, como tantos outros autores também o fizeram<sup>6</sup>, o tema da ditadura militar, Lage (2019) traça uma reflexão sobre vidas cujos desaparecimentos deixaram lacunas, por vezes, irre recuperáveis, mas escolhe evidenciar a participação das mulheres e sua ascendência nas gerações posteriores, retratando a presença do corpo feminino como resistência e universo gerador do interminável transmutar da matéria humana.

Nessa perspectiva, discutem-se, no presente texto, a narrativa, as personagens, os processos e as relações que vão se delineando na busca por respostas para as ausências apenas recuperáveis de forma lacunar, imprecisa, muitas vezes impossível de confirmação, tendo em vista a existência apenas dos indícios deixados, mas também como o

presente, o contemporâneo (Agamben, 2009) está continuamente solicitado a se responsabilizar, a se posicionar. Assim, o romance engloba a escrita da personagem Daniel na busca por compreender-se no contexto da herança à qual está filiado, materializando uma narrativa representativa, tanto da necessidade de não deixar esquecer quanto da possibilidade de oferecer uma potente metáfora, corpo interminável, unindo história e imaginação no veio da transferência transgeracional da memória traumática que ainda habita um campo de embates e disputas no Brasil.

### Notas sobre *O corpo interminável*

A literatura, direito humano inalienável, como sugeriu Candido (2004), faz-se território privilegiado para entrelaçar, no mesmo narrar, realidade, imaginação, sonho, fantasia, fato e invenção, projetando um arranjo harmônico que (re)cria a vida "da qual é imagem e transfiguração" (Candido, 2004, p. 5). Nesse sentido, é território privilegiado para as narrativas capazes de se manifestarem em consideração a um tempo que solicita da escrita literária mais que verossimilhança, "uma armadilha" (Lage, 2019, p. 72), a continua significação de um passado que precisa figurar no curso das novas gerações. A literatura brasileira contemporânea, reconhecendo a força e a falência das narrativas, tem gerado investimentos no sentido de trazer para o debate atual tanto o tema da transferência de memória quanto os desafios da escrita na abordagem do passado traumático, gerando imagens que se fazem representar também no sentido de solicitar comprometimento social mediante uma atualidade voltada a cultivar o presente em excesso.

No bojo de tal contextualização, Lage (2019), ao escrever uma narrativa que evidencia a participação das mulheres na luta contra a opressão, destaca, entre atrocidades e relações de afeto, a potência que emanou dos corpos femininos, lutando e gerando vidas no interior do sistema, mesmo em condições de aprisionamentos, sequestros,

<sup>6</sup> A professora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília (UnB), Brasil, elaborou uma relevante lista com obras literárias que versam sobre o período da ditadura militar no Brasil. Disponível em: <https://www.facebook.com/regina.dalcastagne.3/posts/3207318069589739>. Acesso em: 4 jul. 2024.

torturas, estupros, mortes; vidas que também se fizeram atravessar pelo horror para nascer e continuar prolongando os corpos violentados de suas mães. Essa abordagem em torno do feminino determina o fio condutor da trama, a busca de Daniel para saber o que aconteceu com sua mãe, Júlia, desaparecida política, da qual conhecia apenas o conteúdo de uma única fotografia. Criado pelo avô materno, que calou qualquer informação sobre a progenitora, mas deixou a criança acompanhar as notícias do Estado ditatorial nos meios de comunicação, Daniel, desde menino, escreve versões violentas da morte da mãe, mesmo sem ter ampla consciência dos sentidos implícitos no autoritarismo que comandava a realidade brasileira. Já adulto, debate-se para conhecer e escrever sobre o que ocorreu ou imagina, quando já não restavam testemunhas que pudessem ou quisessem atar os muitos fios dispersos encontrados.

O enredo traz o encontro de Daniel com Melina, jovens filhos dos silenciamentos, das lacunas, das memórias amputadas pela repressão, sendo integrantes da chamada "segunda geração" e herdeiros das atrocidades características da época. Encontram-se ao frequentar a mesma biblioteca: ele, para investigar os fatos que fizeram de sua mãe uma desaparecida política; ela, para saber acerca dos acontecimentos que seus pais pareciam ter ignorado: "ver aquilo que seus pais não viram, abrir os olhos para o que eles fecharam" (Lage, 2019, p. 23). Os jovens, então, descobrem que estão consultando o mesmo livro, passam a ler e a comentar juntos, a falar sobre suas vidas, a medir a extensão dos traumas decorrentes das escolhas e dos silenciamentos de seus familiares, a apoiar os êxitos e as frustrações um do outro durante as buscas; assim, aproximam-se como casal, enquanto acompanham as histórias de dor, sofrimento, tortura, sequelas, mortes e recomeços.

Nessa trilha, (re)visitam arquivos, vasculham os guardados das famílias, sempre se deparando com vestígios de informações, com corpos já ausentes, assassinados ou consumidos naturalmente pelo tempo, portanto, impedidos de testemunhar. Lançados no universo de uma pós-memória, considerada, nas palavras de Marianne Hirsch (2014, p. 2),

como "experiência de que esta geração posterior não se 'recorda', senão pelo viés de histórias, de imagens e de comportamentos no meio dos quais ela cresceu", Daniel e Melina investigam. Nessa trajetória, recorrem tanto aos arquivos residuais da destruição operada pelo regime autoritário, como considerou Sarlo (2007), lançando mão de livros, jornais, revistas, documentários, depoimentos, quanto aos dados dispersos nos poucos pertences dos seus familiares. Destaca-se, no âmbito dos espaços de ambas as famílias, além das fotografias, o livro *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carrol, guardado pelo avô de Daniel como algo proibido, "uma arma letal" (Lage, 2019, p. 86), com anotações nas margens feitas por Júlia, indício de que o livro teria sido usado como meio de comunicação nas operações de resistência, talvez também como prova da denúncia que a vitimou. Um livro inocente considerado como história para criança, um rastro que não chegou a dirimir as dúvidas do filho, tendo em vista o total apagamento dos contextos, enterrados com a mãe ou com qualquer outra testemunha que pudesse auxiliar a reconstituição então impossível.

No processo narrativo polifônico, as imagens vão sendo construídas por atravessamentos múltiplos, inclusas vozes provenientes de mulheres prisioneiras que contam fatos da prisão, das torturas e/ou das sequelas, expondo a impossibilidade de que alguma narração pudesse amalgamar os muitos fragmentos de memórias, esquecimentos e silenciamentos constantes dos fatos envolvidos no enredo. A história é narrada (e escrita) por Daniel (responsável por ir atando os fios da trama), mas também por Melina, por um narrador em terceira pessoa e pelas vozes das mulheres prisioneiras que funcionam como possíveis versões para o que poderia ter acontecido à mãe de Daniel. Aliando notícias do período da repressão com a imaginação do filho em busca da mãe e seus consequentes registros, as partes que trazem as vozes das mulheres fazem-se campo privilegiado em que ficam entrelaçadas história, memória e imaginação. Na primeira parte, intitulada "Distâncias", por exemplo, há duas narrativas de prisioneiras. A primeira traz uma mulher jovem que se debate sem nome, sem

noção de identidade ou pertencimento, demonstrando um estado de confusão mental que parece juntar, no mesmo fluxo de consciência, sonho ou pesadelo, memórias de torturas e fatos da vida real: “[...] é o início da loucura?” (Lage, 2019, p. 10).

Eu me virei para ela, para essa voz, e perguntei porque ela, estando na minha mente, tão perto dos meus pensamentos, desse centro em que tudo se inicia, era tão cruel, por que estando dentro de mim me assombrava, já não bastava a Alice monstro, já não bastava o meu livro preferido da infância ter se tornado um filme de terror. A voz gargalhava, você vai cair, você está caindo, você caiu, no sonho eu fechava os olhos para não ver que era verdade, mas o cheiro de terra, o sangue em minhas unhas, a vertigem. Comecei a bater na minha cabeça, para, gritei, para, batia e sentia a dor, como se fosse real, e de repente era, de repente, eu deitada na cama me batia, aterrorizada por essa voz, essa voz em mim mesma (Lage, 2019, p. 14).

A escrita, para Daniel, vem como uma forma de organizar o caos vivenciado no anseio de encontrar algo que esclarecesse o que ocorreu com a mãe, motor e ponto de equilíbrio para uma busca pessoal cujas respostas somente poderiam vir por falta, como disse Melina, “a partir do esquecimento” (Lage, 2019, p. 21). O rapaz busca, assim, as palavras possíveis para nominar o dificilmente nominável: “Quais são as palavras certas, pergunto, o verbo certo, corrijo, talvez não seja nem mesmo uma palavra, apenas um som, um ruído, um resto de língua morta e moída, [...] tenho certeza de que é preciso descobrir, pronunciar” (Lage, 2019, p. 98). Nesse caminho, reflete sobre o conceito de verossimilhança enquanto escreve, deixando patente que a realidade da ditadura é tão macabra e já carrega em si uma carga tão surreal de atrocidades e registros “cinicos”<sup>7</sup> (Sloterdijk, 2012) que ultrapassa qualquer possibilidade de representação passível de ser tomada como inverossimil:

[...] a verossimilhança só existe no mundo irreal, é construída com planejamento, um conflito,

uma ação, consequência, um desejo, um movimento, tudo pensado, medido e assim nasce o mundo que não existe. Aqui não, aqui as ações se atropelam, os movimentos se cruzam, os desejos colidem, se potencializam, se anulam sem harmonia, sem lógica, sem ordem, sem nada, tudo coexiste e se esforça para existir, por isso eu, você, por isso agora um pai, uma irmã (Lage, 2019, p. 109).

No curso da investigação, fica patente que o avô de Daniel fez a denúncia que redundou na prisão e no desaparecimento da própria filha, tendo recebido a promessa de que ela seria poupada, o que não aconteceu. O avô escondia a culpa inconfessável ao garoto que foi criado sem a mãe, tendo nascido sob o signo do terror. Do pai, Daniel ficou sabendo que realizou o próprio exílio em Portugal, conheceu uma outra moça, casou-se, teve uma filha, Olívia, que acabou procurando o irmão quando achou cartas trocadas entre o pai de ambos e o avô de Daniel (já mortos). As cartas forneceram o endereço que possibilitou o encontro. Melina também teve conhecimento de que os pais não viveram indiferentes ao regime ditatorial, pois seu pai prestou serviços para o governo, o que foi decisivo para a separação e para o sofrimento da mãe, já falecida. O envolvimento do pai ficou patente quando achou, nos pertences da família, uma fotografia de uma mulher nua e morta, indicando que o pai trabalhou como fotógrafo para o regime militar, na chamada “casa da morte”<sup>8</sup> achou também outras fotografias de pessoas na mesma condição. A mulher na fotografia não era uma desconhecida, era amiga da mãe de Melina, reduzida a uma imagem revelada, impressa, um corpo torturado, inerte, assassinado e fotografado, depois de recomposto, para ser apresentado à sociedade *como se*<sup>9</sup> tivesse cometido suicídio (Lage, 2019, p. 172):

Alguém veio e observou os ferimentos. Alguém veio e limpou o sangue espalhado pela pele. Alguém veio e mexeu na posição dos braços,

<sup>7</sup> Conforme os estudos de Sloterdijk (2012), o cinismo moderno não se confunde com o da antiguidade grega, por isso o autor preserva o termo *kynismus* para fazer uma diferenciação entre os dois. Ambos pressupõem insolência, mas, grosso modo, *kynismus* refere-se a uma crítica baseada na sátira, na independência pessoal, na capacidade argumentativa do corpo, na gargalhada escrachada, tendo a exemplar figura de Diógenes de Laércio como expoente de discussão; enquanto cinismo está associado aos tempos modernos, à indisposição para a crítica, ao conformismo conveniente, ao riso comedido, à argumentação tática e estratégica.

<sup>8</sup> Centro clandestino de tortura e morte criado por órgãos da repressão durante a ditadura militar no Brasil (Petrópolis, Rio de Janeiro), na década de 1970, tendo como única sobrevivente Inês Etienne Romeu (Leite, 2019)."

<sup>9</sup> “Como se entendido...” na perspectiva de Vaihinger (2011) para considerar o quanto as criações conscientes fazem a base do mundo – real, imaginário, irreal – e que recebem expressão nas linguagens, como se cada edição fosse condição de realidade.

cabeça, pés. Alguém veio e passou pó bege nos ferimentos. Alguém veio e arrumou novamente os braços, cabeça, pés. Alguém veio e fez anotações num caderno. Alguém veio e não fechou os olhos. Alguém veio e tirou uma foto.

As fotografias que estavam nos pertences da família de Melina registraram corpos alterados em suas condições de morte, para que as marcas das torturas fossem apagadas e não pudessem denunciar o assassinato. Aqui fica também patente a credibilidade em jogo de muitos dos registros oficiais arquivados por um regime que processou inverdades para camuflar ações ilegais e desumanas, forjando verdades para contornar qualquer ação de responsabilização. Como considerou Daniel: "Nada parece mais real do que a leitura de uma página, mas nada se desfaz tanto ao voltar ao mundo" (Lage, 2019, p. 72) – reflexão feita acerca da própria escrita e metonímia da escrita do romance, como universo que traz essa geração que se deparou com informações sonegadas, com as atitudes inconfessáveis, com as culpas entreditas, ratificando a percepção de que ninguém pode sair impune de um tal estado de barbárie. Tomando partido, lutando contra, realizando serviços para o sistema ou apenas se calando, estavam (estão) todos envolvidos, declarada ou ocultamente, como ocorreu com a confirmação da participação antes insuspeita do pai de Melina.

O romance representa mais do que as perdas de uma segunda geração e suas agruras, evidenciando a permanência de uma herança que é de todos e todas, "uma tarefa", para lembrar Derrida (1994, p. 79), que "permanece diante de nós, tão incontestavelmente que, antes mesmo de querê-la ou recusá-la, somos herdeiros, e herdeiros enlutados, como todos os herdeiros".

Herdeiros do silenciamento<sup>10</sup>, no sentido estudado por Orlandi (2007), dos muitos níveis de censura, inclusa a sua manifestação mais cruel, a morte, e outra ainda mais cruel, a morte sem um corpo: "O antes e o depois daquele instante arrancados de nós, para sempre perdidos" (Lage,

2019, p. 72).

Nesse contexto, as mulheres trazidas ao universo da ficção em *O corpo interminável* são mulheres que lutaram e enfrentaram torturas, que se apoiaram nos momentos de desespero e dor, que foram separadas dos filhos, que amamentaram o filho da outra; mulheres que enfrentaram violência, estupro, abortos forçados por médicos, cesarianas sem anestesia, mas geraram vidas que simbolizam a resistência, o ultrapassar das fronteiras da morte; corpos transmutados que seguem cumprindo a metamorfose representativa da existência ancestral que se transforma, como a lembrar o que considera Coccia (2020, p. 9): "Somos essa vida que compartilha o corpo de um outro, prolongada e levada para outro lugar".

### **(Não)Viver em uma época imune ao que ela traz**

As questões referentes à tarefa de escrever sobre condições extremas no campo da ficção contemporânea perpassam por problematizar quem pode ou como pode tecer representações acerca do universo da dor, da brutalidade, da negação de qualquer direito, sem cair na armadilha da espetacularização ou da mediocridade, solicitando a coragem "de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir", como teorizou Schollhammer (2011, p. 10). A tarefa de conhecer e nominar o mundo, no sentido de projetar circunstâncias que subjagam a própria vida, esbarra na tentativa, sempre incompleta, de criar um universo conceitual em que essa parcela da existência seja minimamente compreensível, inclusive no que tange ao papel das palavras, da linguagem, da memória, diante do universo-corpo social que é tão perecível e eterno, com seus outros corpos tão úteis e descartáveis.

No romance *O corpo interminável*, há um assombro enunciado por Melina sobre o que a moça considera ser uma impossibilidade, "viver numa época imune ao que ela traz" (Lage, 2019, p. 23),

<sup>10</sup> Ao estudar as formas do silêncio, Eni Orlandi (2007) assevera que a construção dos sentidos está atravessada impreterivelmente por silêncios e esclarece que existem diferenciações, categorizando duas formas básicas: o silêncio fundante (condição de significação para o dizer) e a política do silêncio (o silenciamento), que se divide em silêncio constitutivo (a escolha de uma palavra apaga outras palavras) e silêncio local (censura). Este último, silenciamento por censura, fica evocado no presente texto.

como pensava terem vivido seus pais em relação à ditadura. Uma tal construção discursiva aponta para a mesma responsabilização já descrita por Sartre (2004, p. 21), agora no tocante à tarefa do escritor, qual seja, fazer com que ninguém possa ignorar ou se manter inocente diante do mundo. Nessa trilha, considera-se que o romance, para além de mostrar as perdas e buscas de uma segunda geração ligada à ditadura, compromete-se com o que pode ser a tarefa do contemporâneo, ao trazer para as páginas literárias os desafios de uma escrita que se posiciona, como sugeriu Scramim (2007, p. 13), e "assume o risco inclusive de deixar de ser literatura, ou ainda, de fazer com que a literatura se coloque num lugar outro, num lugar de passagem entre os discursos". Talvez por isso, o enredo somente possa ser concretizado por meio de indícios, por uma narrativa fragmentada, lacunar, polifônica, numa criação que se faz também em consideração ao caráter político do que poderia figurar como uma mera apropriação ou um equívoco, como reflete Daniel (Lage, 2019, p. 24):

Um grande equívoco. Como se forçasse aquelas pessoas, tão reais, tão vivas dentro de suas lutas, desaparecimentos e mortes, a se tornarem meras referências em um texto, ou pior, personagens, meus personagens, como se eu impusesse a elas, depois de tudo que viveram, algo tão frágil, capaz de se desmantelar ao menor sopro, à mínima insistência, uma farsa, uma representação.

A questão levantada por Daniel, personagem que escreve sobre os abismos provenientes do período autoritário, faz-se metonímia dos desafios impostos à literatura brasileira contemporânea ao trazer para suas páginas imagens provenientes dos arquivos e dos vazios soterrados sob a tortura de um Estado assassino ou diante da criação de personagens representativas de vidas ceifadas sob o signo da dor, da falta, do vazio impossível de preenchimento. As personagens do romance aqui estudado, situadas no campo de uma reconstituição mnemônica, incorporam vivências tomadas de uma forma "tão profunda e emocional que parecem *constituir* a sua própria memória" (Hirsch, 2014, p. 1). Essa sensação de incorporação está presente na forma como Daniel e Melina vão

experienciando sentimentos e sensações, como se suas entranhas pudessem ativar uma memória outra que se afirma por meio de tudo o que chega à percepção, o que não é fácil transfigurar (Candido, 2004, p. 5), pois requer um cuidado ético e político em torno da escrita.

Nessa perspectiva, em termos de enredo, o romance transita pelo campo de uma pós-memória voltada a mostrar os desafios vivenciados por uma segunda geração à procura de mediação direta com o passado, evidenciando uma relação afetiva e voltada a considerar o contexto familiar. Assim, Daniel, ao ser confrontado com a imagem da mulher morta e possivelmente fotografada pelo pai de Melina, um corpo nu, violentamente tornado sem vida e representativo de tantos outros corpos, inclusive o da sua mãe desaparecida, não pode seguir indiferente:

A imagem do corpo nu estirado na cama não sai da minha cabeça. Mesmo exausto, com sono, vejo. Um dos braços caído para fora, os dedos tocando o chão. O outro braço sobre a barriga, como se repousasse. Os olhos abertos. Ninguém pensou em fechar os olhos, ninguém se importou com isso (Lage, 2019, p. 20).

Da mesma forma, Melina, ao assistir a um documentário sobre ações ditatoriais, não tem como não absorver as circunstâncias, tomando-as como algo muito próximo, o que a faz considerar-se parte daquela realidade apresentada:

Os seus nervos, o seu corpo, reagiam a tudo que lia, via, como algo pessoal. De alguma forma a história da moça na estação de trem em Berlim tinha se tornado parte da sua história. Pertenciam a ela os guerrilheiros do documentário como pertencia o alheamento dos pais, a separação repentina, a mala na porta, como pertenciam as fotos, os filmes os livros, os nossos corpos na cama, tudo que ainda havia para ser visto, lido, tudo que poderia ser revelado entre nós, nós que mal tínhamos nos encontrado (Lage, 2019, p. 29)

No âmbito da escrita do romance, faz-se relevante destacar o que não pode ser lembrado ou apropriado, mas que precisa ser transportado sob o signo da criação ou da imaginação, com as versões das mulheres prisioneiras que atravessam o enredo propriamente dito. Aqui, a relação da pós-memória com o passado acontece por "projeções, criações

e investimentos imaginativos" (Hirsch, 2014, p. 1), sendo metonímia do universo simbólico que traz dados possivelmente encontrados em arquivos e depoimentos reais sobre a participação das mulheres na ditadura. Entre narrativas em primeira e terceira pessoas, os fragmentos das histórias das mulheres vão atravessando o enredo para mostrar, entre outros acontecimentos: a prisão de uma acusada, com um filho recém-nascido e que pediu aos policiais para deixar o bebê na porta da casa dos sogros; outra, proibida de realizar uma missão, presa no quarto pelo companheiro, porque estava grávida; outras duas, escondidas em um apartamento com uma criança que não é delas, esperando por mantimentos que não sabem se vão chegar, ambas afastadas de seus próprios filhos, sendo que uma delas vive um estado de alheamento da realidade, sem condição de recordar a gestação de um filho fruto do estupro sofrido na prisão. Na impossibilidade de traçar um final definitivo para a busca da mãe desaparecida de Daniel, dentro e fora da ficção, são tecidas versões representativas do que aconteceu a tantas mulheres na mesma condição.

No âmbito da escrita contemporânea de Lage (2019), os atravessamentos de tais versões trazem a manifestação de um (não)vivido que pode ser projetado no âmbito da criação, tanto por meio da imaginação traumatizada do filho quanto na escrita do romance, cuja relevância faz-se, também, na possibilidade de reavivar um processo mnemônico capaz de adentrar tempos, circunstâncias e públicos que talvez não pudessem ou quisessem buscar as memórias em outras linguagens. Essa particularidade pode ser destacada em consideração ao fato de que o romance fala às gerações mais afastadas temporariamente dos eventos traumáticos, anunciando algo sobre as condições de acesso às memórias, quando já se foi "a última testemunha" (Bidussa, 2009). Assim, o romance adentra o espaço de uma pró-memória que se inscreve como mediação do passado traumático, no seio de uma contemporaneidade que precisa pensar continuamente a transmissão transgeracional das memórias, fazendo transbordar uma consciência que se espalha nas teias do

tempo, nas mentes e nos corpos solicitados a processar a herança que é de todas as gerações.

Para além da escrita e da escrita que situa o romance no campo de uma metaliteratura consciente dos desafios impostos à contemporaneidade, pode-se tomar *O corpo interminável* como linguagem de resistência ativa, que coloca tanto os narradores quanto a autora no mesmo desafiador campo de representações, na condição de herdeiros dos infortúnios, mas também dos compromissos com as circunstâncias indicadoras de uma condição passada que ameaça ser rememorada de forma distorcida para alimentar o desejo de que a condição autoritária pare como uma possibilidade instada a integrar o *porvir*. Em uma das falas das mulheres prisioneiras, há a seguinte consideração: "No início eu tinha uma palavra, uma palavra só que era minha, agora são todas e nenhuma" (Lage, 2019, p. 16), condição que a própria narrativa parece simular. Há, no desenrolar da trama, uma saída do universo individual e familiar, um movimento de expansão, por meio do qual processa-se a metamorfose vivida por Daniel, tanto reconhecendo a ligação da própria história com tantas outras quanto na percepção de uma memória que não pode ser esquecida. Memória a ser recriada de corpo a corpo, de ser a ser, sendo escrita, imagem e imaginação que ganha força na coletividade; uma memória que não é somente de quem viveu a tortura ou da geração posterior ao trauma, mas de todos.

Tecido por meio de uma literatura que pode ser significada como uma escrita da insuficiência, o romance incorpora faltas, fissuras, locais sem acesso, algo que se perdeu, mas que deixou uma herança de caráter eminentemente multidirecional, cujas fronteiras não se deixam delimitar apenas por cortes identitários ou de geração, para lembrar Rothberg (2009). Por meio dessa escrita de amálgamas plenos de vazios, encontra-se o esgarçar do "silêncio do mundo, o silêncio ou a neutralização do que há de usual ou de atual no mundo, tal como a imagem é a ausência do objeto" (Blanchot, 2011, p. 45). Dessa forma, incorpora, na escrita e sobre a escrita, um lugar narrativo destituído de sínteses dialéticas, porquanto condensa o dizer

e a falência deste, projetando um campo físico, emocional, discursivo, imagético e multireferencial sem o qual a literatura contemporânea perde muito do seu universo simbólico. Doravante, não há sujeito único da fala, como unidade consciente, pois a enunciação se faz por meio da projeção das memórias em sua materialidade fragmentada, não para revelar uma verdade nem a produzir ou ultrapassar, mas para deixá-la fluir.

Na imagem do corpo interminável, encontra-se a sustentação para uma metáfora potente no sentido de pensar a transmissão das memórias, estando representada por meio do corpo feminino, do corpo que gera vida e se prolonga infinitamente na cadeia do tempo. Corpo tornado linguagem que segue sendo trincheira de resistência no bojo das demandas contemporâneas, espaço no qual (e a partir do qual) são traçadas (in)quietações e (im) possibilidades: "amálgama de carne e de tempo" tornado "amálgama aflito de palavras" (Ramos, 2008, p. 15). *O corpo interminável*, assim, faz-se manifestação de uma pró-memória que anuncia, na insuficiência do dizer, o entrelaçamento discursivo da ficção com a realidade para projetar memórias, reminiscências, (des)identificações inscritas em um corpo social detentor de múltiplos caminhos mediadores para um passado que não pode ser totalmente recuperado, muito menos esquecido, devendo permanecer no atravessamento do contemporâneo, porque o conhecimento que traz se faz determinante para o futuro. A insuficiência, então, não se mostra apenas pela falta, mas pelas infinitas possibilidades, não de preenchimento, mas de formulações que seguem significando vidas.

### Considerações finais

No âmbito da construção de uma escrita cujo próprio corpo anuncia o interminável, o romance transita entre história, memória e imaginação, ficcionalizando uma realidade que precisa ser evidenciada, mostrada, reconstruída geração a geração, talvez, para que ninguém possa se declarar alheio às barbáries que compõem o curso circular da história. Se o enredo está situado no âmbito de uma busca individual, familiar, por meio das lacunas, das informações, por vezes, per-

didadas e inacessíveis às gerações subsequentes ao período ditatorial, o romance, situado no bojo das circunstâncias do presente, evoca o excesso de imagens a serem partilhadas, para além da experiência individual, fazendo-se pró-memória representativa das muitas formas possíveis de mediação com o passado e oferecendo-se como terreno aberto por onde podem transitar aqueles que desejem construir suas próprias significações por meio da leitura, da escrita, da imaginação, ainda que pensem não ter uma relação direta com os eventos traumáticos integrantes do enredo.

O título já anuncia a sua destinação para criar uma imagem de corpo que se prolonga ao infinito, que se desdobra na cadeia dos tempos, transgredindo a própria condição de finitude e transitoriedade para ser matéria que resiste ao efêmero, apesar de todos os tropeços, desafios e sofrimentos. As representações em torno das mulheres são significadas no cerne dessa corrente ininterrupta em que os corpos, como as memórias e as linguagens, são resistência capazes de sobreviver à morte. Nos silêncios e silenciamentos que perpassam o corpo desaparecido da mãe de Daniel, como tantos outros corpos que também desapareceram, ecoa uma existência que se espalha para além da prisão política e dos consequentes desaparecimento e morte. Vida personificada nos corpos femininos que geraram filhos durante a repressão, que mantiveram gestações em meio às seções de tortura, que se consolaram, que jamais puderam ver o rosto dos filhos, que foram torturados e mortos enquanto traziam vida ao mundo. O corpo que, sendo efêmero, pode transmutar e permanecer, fazendo-se fronteira de resistência que ultrapassa limites e mostra, na história de uma (de um), a história de todas (de todos).

O corpo que também se faz livro e encontra horizonte de realização depois dos registros, depois das muitas manifestações de esclarecimento já reveladas oficialmente, expondo a necessidade de lembrar a lembrança ameaçada de novo nublamento. O livro que grita a urgência de trazer a memória que se esvai no esquecimento do esquecimento que já havia sido lembrado, solicitando da ação leitora o reconhecimento das dissonâncias

que atravessam passados e presentes, desafiando o contemporâneo e cada contemporâneo a se posicionar perante tudo que foi e ainda pode ser vivenciado, inclusive no sentido de construir suas próprias imagens e representações mnemônicas como filhos herdeiros. O livro que se lança ao presente para lembrar e fazer lembrar, para não esquecer jamais a potencialidade metaforizada no interminável que se desdobra em futuro, mesmo quando destruído para não deixar rastros. O livro que traz memórias para integrar o presente e gerar significações, apesar do transbordar ou das insuficiências dos arquivos e testemunhos, sendo literatura pró-memória e pró-vida que se projeta na e para além da ficção.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* E outros ensaios. Trad. Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó: Argos, 2009.
- BIDUSSA, David. *Dopo l'ultimo testimone*. Torino: Einaudi, 2009.
- BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Berthrand Brasil, 1998.
- CANDIDO, Antonio. "O direito à Literatura". In: VÁRIOS escritos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.
- COCCIA, Emanuele. *Metamorfoses*. São Paulo: Dantes, 2020.
- DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o estado da dívida, o trabalho do luto, e a nova internacional*. Trad. Ana Maria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: ÉTICA e pós-verdade. Porto Alegre: DUBLINENSE, 2017.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HIRSCH, Marianne. "Pós-memória". *Testify: Entre a história e a memória*, [s. l.], n. 118, 2014. <https://doi.org/10.4000/temoigner.1274>. Disponível em: <http://journals.openedition.org/temoigner/1274>. Acesso em: 4 jul. 2024.
- INSTITUTO VLADIMIR HERZOG. *Comissão Nacional da Verdade*. Memórias da Ditadura. São Paulo: Instituto Vladimir Herzog, 2014. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/>. Acesso em: 4 jul. 2024.
- LAGE, Cláudia. *O corpo interminável*. Rio de Janeiro: Record, 2019.
- LARANJEIRO, Catarina; SAPETA DIAS, Inês. Somos sempre a vida póstuma dos outros: mapa para uma pró-memória. *Revista de Comunicação e Linguagens*, [s. l.], v. 62, p. 7-23, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.34619/blta-jx41>. Acesso em: 4 jul. 2024.
- LEITE, Isabel Cristina. Fragmentos da vida de Inês Etienne Bruce: o encarceramento no presídio Talavera Bruce (1972-1979). *Revista do arquivo geral da cidade do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 277-300, 2019. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/aparecidas/artigos/>. Acesso em: 4 jul. 2024.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2007.
- RAMOS, Nuno. Ó. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- ROTHBERG, Michael. *Multidirectional Memory. Remembering the Holocaust in the Age of Decolonization*. Stanford: Stanford University Press, 2009.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (Coleção contemporânea: filosofia, literatura e artes).
- SCRAMIM, Susana. *Literatura do presente: história e anacronismo dos textos*. Chapecó: Argos, 2007.
- SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da razão cínica*. Trad. Marco Casanova, Paulo Soethe, Maurício Mendonça Cardoso, Pedro Costa Rego e Ricardo Hiendlmayer. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.
- VAIHINGER, Hans. *A filosofia do como se: sistema das ficções teóricas, práticas e religiosas da humanidade, na base de um positivismo idealista*. Trad. Johannes Kretschmer. Chapecó: Argos, 2011.

---

## Ilmara Valois Bacelar Figueiredo Coutinho

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), DCH V, docente permanente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS-UNEB) e do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias das Linguagens (PPGTEL-UNEB). Projeto de pesquisa "Relações interartes e deslocamentos na literatura brasileira contemporânea escrita por mulheres". Temas de pesquisa: literatura contemporânea, linguagens, leitura e educação.

---

## Endereço para correspondência:

### ILMARA VALOIS B F COUTINHO

Avenida Cardeal da Silva, 310, Apto 405, Federação, 40231-250, Salvador, Bahia, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*